

## A CLÍNICA PSICANALÍTICA HOJE: O PENSAR VERSUS A SATISFAÇÃO IMEDIATA

| ALIRIO DANTAS JR.<sup>1</sup>

### RESUMO

O autor traz à discussão a questão da abstinência como um elemento estruturante do setting. Sugere que essa abstinência seja determinante no retorno do recalcado e na construção da narrativa do analisando, tomando parte em sua capacidade de construir significados mentais para suas experiências emocionais. O autor enfatiza que este recurso da técnica analítica está sendo desafiado por uma cultura onde as pessoas se acostumam progressivamente à busca de satisfação direta e imediata para suas demandas, tornando-se impermeáveis às elaborações e a introspecção próprias da investigação do Inconsciente e consequentemente de uma cura que seja alcançada pela ampliação da visão interna, do conhecimento de si mesmo e da expansão do pensamento.

Palavras-chave: Abstinência. Neutralidade. Significados mentais. Inconsciente. Satisfação imediata. Conhecimento de si mesmo. Investigação do Inconsciente. Cura analítica. Técnica psicanalítica.

### ABSTRACT

The author discusses the question of abstinence as a structuring element of the analytical setting. He suggests that this abstinence is crucial to the return of the repressed and in the structuring of the analysand's narrative, taking essential part in his capacity to bring psychic meaning to his emotional experiences. The author emphasizes that this technical element is being challenged by a culture in which people are being accustomed to the pursuit of immediate and direct satisfaction for their demands, becoming intolerable to introspection and the working through process, which are inherent to the investigation of the Unconscious and, consequently, to a cure, that is achieved through the amplification of the inner view of the self, the knowledge of oneself and the expansion of the capacity of thinking.

Keywords: Abstinence. Neutrality. Mental meanings. Unconscious. Immediate satisfaction. Knowledge of oneself. Investigation of the Unconscious. Analytical healing. Psychoanalytic technique.

---

<sup>1</sup> Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica do Recife.

O título deste artigo sugere a presença de um paradoxo muito interessante, que estaria contido na vigência de uma modernidade cujos novos paradigmas poderiam questionar a prática clínica, no sentido de repensar a relação entre o pensamento e a satisfação imediata das demandas dos analisandos. Eu encontro um paradoxo na alusão a uma escolha entre a frustração capaz de ampliar a capacidade de representação mental e a necessidade de oferecer uma quota de satisfação necessária, em face das fragilidades ou expectativas desses analisandos. Eu não creio, efetivamente, que esta opção se apresente disponível à nossa escolha. A frustração haverá de se impor na relação analítica proveniente de duas fontes inevitáveis: de uma lado, é da natureza do desejo inconsciente que ele encontre uma resposta incompleta e incapaz de contornar seu destino funesto que é a castração. De outro lado, agindo de forma complementar, estas demandas não podem ser respondidas pelo analista, antes elas o farão mirar – em alguns casos com sofrimento – os limites de sua própria incompletude.

A ideia de que existiria uma satisfação imediata a ser oferecida pelo analista, e experimentada pelo analisando parece associada ao universo infantil, dominado por fantasias onipotentes. Fora deste universo mitológico a satisfação depende de um intenso trabalho psíquico que possa mediar as relações entre as fontes do desejo e seus eventuais objetos. A frustração deverá ser uma característica desse trabalho porque aquilo a que chamamos de felicidade é resultado de uma satisfação fortuita e não seria possível de ser experimentada senão de forma episódica (Freud, 1930). A frustração e o sofrimento estarão presentes dentro do trabalho analítico como uma consequência do desencontro entre as expectativas do analisando e as nossas (in)capacidades, insuficientes para atender, eficazmente, às suas demandas. Em contrapartida este sofrimento revelar-se-á um importante instrumento numa psicanálise, visto que impulsiona o trabalho psíquico na direção de ressignificar suas representações, ampliando a sua independência de um objeto específico.

Com toda certeza a psicanálise atravessa um período de crise que além de ser uma crise típica de mercado, é, ainda uma consequência do enfraquecimento das concepções humanistas. Contudo, eu creio, como Green e Kernberg (2000) que existe uma crise interna, causada pela fragmentação de nossas teorias e pelo enfraquecimento de nosso compromisso com elas. Nosso maior desafio,

no presente e no futuro, é revalorizar o conceito do Inconsciente e recuperar o prestígio da palavra como elemento transformador das estruturas mentais.

A técnica analítica exige que seja negado ao paciente a satisfação que ele reivindica. Nas palavras de Freud, o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência (Freud, 1915a). Com isto ele não enfatiza apenas a abstinência física, nem tão pouco sugere a privação de tudo o que o paciente deseja. Ele estabelece como princípio fundamental a recomendação para que o analista abstenha-se de satisfazer diretamente aos investimentos pulsionais. Deste modo ele pode permitir que o desejo continue atuante, servindo como força motora que incite o analisando a trabalhar e efetuar mudanças. Diz Freud, ainda, que aquilo o que poderíamos oferecer nunca seria mais que um substituto, pois a natureza do desejo é tal que, até que as repressões sejam removidas, ele é incapaz de alcançar satisfação real (Freud, 1915a).

Com relação a este dilema entre a satisfação imediata e o estímulo ao pensar, eu creio que nossa tarefa pende claramente para o estímulo ao trabalho psíquico. Entretanto, é preciso que o desejo do paciente não seja repellido como indesejável, porque este desejo é uma comunicação essencial no campo da transferência. Indesejável é o analista ceder à tentação de oferecer-se como objeto bom e realmente capaz de responder aos anseios do analisando. Neste mesmo artigo Freud diz: “É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real” (Freud, 1915a).

A clínica atual parece fazer-nos mais suscetível a essa tentação benevolente. Explicamos nossa disposição a abandonar a regra da abstinência por várias considerações diferentes. Elas envolvem as circunstâncias da cultura da imagem onde a demanda por gratificação é imperiosa; articulam-se com as necessidades de pacientes muito regredidos que não poderiam suportar doses maiores de frustração efetiva; e perpassam a necessidade de maternagem de certos pacientes, que seria instrumento de preservar a relação analítica de ataques primitivos. Sobretudo nestas circunstâncias mais delicadas devemos lembrar que o analisando procura

as suas satisfações substitutivas sobretudo em seu relacionamento transferencial com o analista; e pode até mesmo tentar compensar-se, por esse meio, de todas as outras privações que lhe foram impostas. Qualquer analista que, talvez pela grandeza do seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber de outro, comete um sério erro. Ao fazê-lo, não conseguirá dar-lhe mais força para enfrentar a vida nem mais capacidade para levar a cabo as suas verdadeiras incumbências dela (Freud, 1919).

Na psicanálise, a angústia é causa do sintoma e testemunha de um desequilíbrio econômico da mente. Ela reflete o profundo desconforto determinado pelo conflito intrapsíquico. A fonte pulsional indesejável, sempre inconsciente, impõe ao sujeito um inevitável conflito entre a satisfação deste impulso – a obtenção direta do prazer – e a preservação de sua integridade psíquica, ameaçada pelas consequências fantasmáticas dessa satisfação. É muito consistente, na psicanálise, a noção que o excesso de energia pulsional tenha um caráter ameaçador e aflitivo. As defesas psíquicas, das quais os sintomas são a expressão mais violenta, constituem-se para aplacar o sofrimento determinado pelo conflito intrapsíquico. A angústia, desta forma, aponta na direção de um perigo ou ameaça intrapsíquicos, sugerindo um estado traumático de desequilíbrio interno. Mesmo quando se expressa veiculada por um acontecimento, ou por um objeto, exteriores, a fonte desta ameaça não é exterior, antes é o próprio sujeito.

O sofrimento psíquico é um acontecimento natural na vida de todas as pessoas. Todos nós sentimos angústia e estamos em boa posição de sintonizar com a emoção vivida pelo paciente, mesmo quando não for através de uma compreensão mais reflexiva, o será por meio de uma compreensão empática. A empatia nos permite utilizar o nosso próprio mundo interno para compreender o significado do desconforto do outro, e o utilizamos como um instrumento para compreender o seu contexto, seus motivos e seus desdobramentos. A angústia é uma experiência universal e geradora de significados. Esta concepção da angústia como geradora de significados psíquicos vem mostrar-se decisiva na determinação do seu manejo clínico. Ela deixa de poder ser considerada como um sintoma indesejável a ser suprimido, e passa a ser considerada como um afeto – um quantum de afeto – que vincula uma experiência emocional entre a sua fonte e a sua representação psíquica.

O ego serve-se da angústia para mobilizar o princípio do prazer em seu socorro, permitindo-lhe registrar como desprazer a satisfação que seria prometida a estes impulsos. Deste modo, o automatismo do prazer/desprazer, passa a ser usado na execução do recalque contra tais impulsos (Freud, 1932[1933]).

A constituição da subjetividade humana resulta, em larga medida, das devastadoras consequências da perda da onipotência infantil. Aquilo que nós chamamos de estrutura psíquica é o resultado da elaboração deste luto. Para Freud, e creio que seja bastante consensual, o ser humano nasce marcado por uma prematuridade que define um estado de impotência primária da criança para cuidar de si mesma. Embora viesse a discordar de Hank quanto a hipótese do trauma do nascimento, Freud acreditava que a explosão de estímulos que o infante experimenta, desprotegido, ao nascer oferece uma matriz razoável para o surgimento da angústia (Freud, 1926). Parece muito razoável pensarmos em termos de uma ruptura entre um estado intrauterino marcado pelo equilíbrio e um estado abrupto de desconforto causado pela explosão de estímulos internos e externos. Por força de sua prematuridade a criança vê-se passiva em face desses estímulos. A angústia marca a existência de uma separação entre o eu e o não-eu.

Em sua “Psicologia de grupo e análise do ego” Freud (1921) considerou que nós, ao nascermos, damos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente autossuficiente para a percepção de um mundo cambiante, que nos conduz aos primórdios da descoberta dos objetos. Não reconheceremos o prazer senão precedido do desprazer determinado por uma falta essencial que marca nossa condição de seres incompletos. Goste-se ou não, o motivo e o motor naturais da alma psíquica são o sofrimento determinado por esta incompletude fundamental. A estruturação do Inconsciente é o resultado deste desequilíbrio traumático entre as fontes pulsionais e seus destinos. A subjetividade, mãe de nossa criatividade, não é nada além do resultado do fracasso traumatizante na obtenção do prazer genital infantil. Criamos para contornar esta experiência angustiante. O homem cria para sofrer menos.

Desafortunadamente, o controle destas fontes internas padece de uma incontornável tendência a ser ineficaz. O seu sucesso, quando existir, será muito parcial para

permitir que seja alcançado um controle efetivo sobre as fontes internas, que, caso alcançado poderia tornar possível ao homem, uma sensação de força e poder que viriam sugerir um grau considerável de independência. Existe uma incontornável dissimetria entre as fontes pulsionais e seus objetos, tornando a emergência da excitação pulsional uma expectativa de satisfação, mas simultaneamente, uma expectativa de desamparo, uma ameaça à integridade do self e, portanto, também constitui-se em causa de angústia. Não apenas a frustração torna-se instrumento de desequilíbrio e instabilidade, mas paradoxalmente a própria excitação que precede o prazer, o investimento mesmo, torna-se a fonte primordial da angústia e do desamparo.

Freud estabeleceu, na aurora da psicanálise, uma revolucionária perspectiva sobre a existência de uma sexualidade infantil. Seu caráter inovador era o de sustentar que esta sexualidade não dependia da estimulação proveniente de fora (normalmente aportada por um adulto), nem expressava-se como atividade genital reconhecível. A sexualidade infantil tem por característica fundamental ser inteiramente produzida por investimentos que nascem desde o mundo interno e que tomam de assalto o self, desprovido de caminhos e objetivos adequadas à fruição da excitação até sua descarga de prazer. Completa e radicalmente desvinculada da atividade genital, polimorfa em seus investimentos e totalmente independente dos estímulos oferecidos por seus objetos, a sexualidade infantil não é resultado de uma invasão externa sobre o infante, mas resulta de uma invasão interna, sob a forma de estímulos catexizados – carregados de desejo – que invadem o self e demandam uma exigência de trabalho. Em termos mais claros: não é a sexualidade adulta que invade a criança e causa a irrupção do desejo infantil. Muito ao contrário, a psicanálise revelou que é a sexualidade infantil que invade a vida sexual madura, e o faz de modo inevitável, que essa tornar-se-á marcada, para sempre, por suas pulsões componentes, por sua polimorfia e por seu infantilismo.

Eu penso que o desprazer, que aqui podemos representar pelo sofrimento e pela angústia, constitui, de fato, a base econômica fundamental sobre a qual é estruturado o aparelho psíquico na perspectiva psicanalítica, e não apenas freudiana. Embora o princípio determinante das forças psíquicas seja o do prazer,

a sua satisfação não provoca nenhuma atividade mental, apenas a sua busca o provoca. E esta busca é conduzida pelo desprazer associado a própria tensão gerada pelos investimentos pulsionais; os mesmos cuja descarga produziria o prazer. Portanto, parece-me que seja a presença dessa tensão, e do desprazer, que exige a organização de uma estrutura complexa – o que não seria necessário para a descarga motora do impulso – que seja capaz de atribuir significados mentais a estes investimentos, colocando-os no campo da experiência emocional.

Tendo em mente esta concepção sobre a angústia, ela surge como um elemento fundamental dentro da prática clínica. Ela constitui-se no instrumento mais importante para o mapeamento e a compreensão da natureza intrapsíquica do sofrimento e dos sintomas; e, dessa forma, oferece um contato mais próximo com as forças em conflito dentro do paciente. De uma maneira não menos importante, este mapeamento pode constituir-se também, numa fonte generosa de conhecimento sobre o verdadeiro estado emocional do paciente, que, via de regra, mostra-se obscurecido pela ação das defesas e pelo fenômeno da resistência. Para um psicanalista, a angústia é uma força capaz de indicar a direção e o rumo da análise, e em particular das suas interpretações.

Ora, examinando-se esse afeto mais de perto, ela, a angústia, revela-se de enorme utilidade para essa pessoa, visto que a impulsiona a investigar a experiência emocional produtora deste desconforto, oferecendo-lhe um nome e um significado. Aquilo que, com efeito, faz com que a angústia seja uma fonte de limitações, e faz com que sejam construídos sintomas de defesa contra ela, é a incapacidade de tolerar este desconforto. Eu acredito que uma capacidade de conter a angústia presente numa experiência emocional é um elemento essencial para que a experiência possa sofrer transformações, possa vir a ser investigada pela pessoa que a vive, e possa, de alguma forma, vir a ser assimilada pelo psiquismo. Essa forma de angústia é indispensável como acontecimento, sendo, de resto inevitável no curso da vida mental.

De acordo com Bion (1970[1973]), quando uma falta apresenta-se ao indivíduo pode provocar nele dor e frustração. Quando a pessoa pode tolerar essa dor e essa frustração (ou quando elas sejam toleráveis a elas) essa coisa que falta, e que

produz a dor e a frustração, poderá vincular-se a um nome, de modo a poder ser utilizada mais tarde e a ter o seu significado investigado. Este modelo destaca, de certo modo, o papel da angústia e do sofrimento psíquicos no desenvolvimento e na estruturação do dispositivo psíquico que podemos chamar de aparelho psíquico ou alma. Analogamente, o modelo ilustra, em minha opinião, parte da lógica do manejo clínico da angústia. No curso de uma análise, o paciente encontra um setting adequado onde possa viver a experiência aflitiva, entrar em contato com suas representações fantasmáticas. Eu considero que a angústia é capaz de provocar sintomas quando a pessoa que a sente não consegue tolerar sua presença, e busca defender-se dela inibindo suas atividades mentais. Neste caso, a angústia não será capaz de gerar novos significados, mas tão somente será capaz de tornar suas defesas mais inflexíveis e limitantes.

O sofrimento mental pode mover o ser humano em duas direções diferentes. Ele pode buscar resposta a essa dor em um trabalho psíquico que busca ampliar criativamente suas possibilidades de representação psíquica. Essa via de maturação, embora mais fértil e enriquecedora, encontra obstáculos importantes na medida em que os confronta, desde o início da vida mental, com a dependência, o desamparo e a impotência de responder a todos os seus anseios. A angústia é o colorido natural desse processo. A outra direção possível é o curto caminho regressivo em busca da unidade e da onipotência perdidas. No caminho da regressão narcísica, o ego torna-se seu próprio ideal, atribuindo-se um *phallus* imaginário capaz de assegurar sua plenitude.

Na psicanálise não existe uma intenção imediata de diminuir a angústia, embora isso possa ser considerado um objetivo de longo prazo, que poderá ser alcançado como resultado da terapia, ainda que por vias indiretas. Eu creio que podemos, sem parecer muita ousadia, sustentar que a angústia é um elemento inestimavelmente importante para o desenvolvimento da terapia, e a sua presença no curso do tratamento, longe de tornar-se indesejável, é considerada inevitável. Ainda que estivesse ao nosso alcance, o desaparecimento da angústia, por si só, não poderia constituir um progresso terapêutico. No curso de uma análise, o progresso alcança-se pela proximidade da experiência vivida, de modo a alcançar um contato com a natureza do sofrimento psíquico.



O conceito de “para-excitação” reflete uma função mental essencial para a discriminação das experiências psíquicas. Essa função é exercida através do desenvolvimento da capacidade de tolerar a excitação e em sua presença viva poder investigar o seu significado, discriminando a natureza das experiências dolorosas. Quando essa função encontra-se prejudicada, ou ausente, a excitação é forçada a buscar um significado e uma resposta que seriam essencialmente concretas. Essa perspectiva tem sido ilustrada, largamente, através de um número considerável de estruturas clínicas, desempenhando algum papel nos processos somatizantes, nos alexitímicos, nos comportamentos aditivos, nas organizações patológicas, nos casos limites, entre outros. Eu estou certo que uma das tarefas do ofício de um analista é contribuir para o desenvolvimento dessa função; frequentemente, para alcançar esse propósito, ele próprio deve desempenhá-la.

Com toda certeza eu não pretendo sugerir que sentir dor seja bom, nem sequer útil. O que pretendo sugerir é que pode haver grande utilidade em entrar em contato com as dores que existam, investigando seu sentido e suas consequências. Afinal, desde Freud os psicanalistas não podem acreditar que exista qualquer benefício verdadeiro no desconhecimento da complexa dinâmica intrapsíquica. Quando uma pessoa move-se desde uma insensibilidade que a proteja superficialmente, e prossegue numa direção que permita-lhe experimentar suas dores, sofrendo psiquicamente, ela habilita-se a conquistar uma elasticidade que lhe permita sofrer o prazer. Esse percurso difícil deve encontrar na psicanálise um acolhimento genuíno. A principal tarefa da psicanálise é buscar reestabelecer um estado mental de maior liberdade, capaz de ampliar a elasticidade psíquica e a flexibilidade das defesas. Nesse sentido, é importante, como disse Bion (1963) que a experiência analítica amplie a capacidade do paciente para o sofrimento, mesmo quando o paciente e o analista possam esperar diminuir a dor em si mesma<sup>2</sup>.

---

2 “for the analytic experience to increase the patient’s capacity for suffering even though the patient and the analyst may hope to decrease pain itself” (Bion, 1963, p. 62, apud Joseph, 1981, p. 95); em português “para que a experiência analítica amplie a capacidade do paciente para o sofrimento ainda que o paciente e o analista possam esperar diminuir a dor em si mesma” (Bion, 1963, apud Joseph, 1981, p. 104).

## O DESEJO E A INSATISFAÇÃO IMEDIATA NA CLÍNICA ATUAL

A pulsão é uma causa sem destino, estando mais próxima de ser uma força perturbadora que invade o self exigindo uma ação, sem considerar as suas circunstâncias. Essa causa sem destino não sofre qualquer interferência da consciência, estando inteiramente imune às suas escolhas. O estado de excitação engendrado pelo desejo inconsciente possui uma ambiguidade natural e, em função da inexistência de objetos e objetivos específicos, tem uma presença tensionante e subjetiva. A excitação do desejo sexual provoca uma tensão geradora de desequilíbrio que pode se constituir em fonte primária de angústia.

Um dos debates mais interessantes, atualmente, refere-se à problemática da psicanálise em face das transformações culturais recentes. A chamada era digital tem provocado um conjunto substancial de transformações nas relações humanas, e parece haver consolidado a presença de novos traços culturais reconhecíveis, e generalizáveis. Normalmente considera-se estas transformações como capazes de configurar um novo enquadre das relações sociais e das matrizes que permitem compreender ao homem; um enquadre que corresponde ao domínio das formas pós-modernas de expressão cultural e de pensamento filosófico. Esse novo tempo parece ser marcado pela grande velocidade dos acontecimentos, pela fugacidade de sua duração – o termo superficialidade parecer-me-ia mais adequado – e pelo domínio da imagem, mesmo que virtual. Esse domínio avança sobre os terrenos da informação, da educação e do próprio pensamento. Para inserir-se neste tempo, um traço cultural deveria ser veloz, em termos de transmissão, de mudanças e de resultados. Esse traço não precisaria ser duradouro, mas deveria ser o mais concreto e real possível, sendo antes sensorial que formulado por meio de construções abstratas mais complexas. Numa definição que me parece feliz Baudrillard (1991) usa o conceito de “hiper-realidade” para definir aquilo que domina nossa civilização.

O mundo moderno, dominado pela virtualidade da imagem, tenta tornar viável o impossível. Assim como o simulacro da hiper-realidade torna a imagem seu próprio referente, eliminando a distância entre real e virtual, ele estimula esta regressão narcísica na medida em que promete uma equivalência entre o desejo e

sua satisfação, veiculando uma via de prazer absoluto e onipotente, de supressão da falta. Vivemos um implacável anseio por um ideal inatingível de felicidade – a “doença do ideal” – que torna-se a base das mais exaltadas realizações e das mais degradantes formas de loucura humana (Lasch, 1992).

Eu acredito que nosso momento histórico requer uma reflexão ampla sobre os seus determinismos<sup>3</sup>. Na medida em que o mundo vive transformações, as novas realidades devem questionar a validade de nossa teoria e a utilidade de nossa prática. Naturalmente esse questionamento induz a uma tendência de efetivarem-se modificações no método analítico, de modo a fazer face às novas realidades que são vividas como novos e incontornáveis paradigmas. Toda teoria possui uma natureza hipotética, como insistiu Horkheimer (1968), e vive uma relação aproximativa com seu objeto, marcada por um constante confronto entre as hipóteses e as evidências. Sempre que existam contradições importantes entre a nossa teoria e a nossa experiência, devem ser produzidas transformações em nossos pressupostos. Essas modificações, entretanto, serão produzidas pelo surgimento de novas hipóteses que continuam sendo articuladas com o corpo doutrinário da psicanálise.

Eu não penso que o encorajamento de mudanças aleatórias, ao sabor do arbítrio de cada um, constitua uma resposta apropriada ao imobilismo. A psicanálise não progredirá muito enquanto precisarmos escolher entre mudar arbitrariamente ou não mudar nunca. Uma certa quantidade de modificações arbitrárias produz uma fragmentação conceitual desorganizadora, que é capaz de gerar confusão e desalento. O acirramento das controvérsias internas ao movimento psicanalítico tem produzido uma imagem incongruente e conflitada da psicanálise, e um esfacelamento de suas concepções, conforme amplamente arguido pelos artigos que citei acima. Se viéssemos a realizar transformações importantes, no método analítico ou em sua teoria, ao sabor das conveniências e das vontades, sem

---

3 Relembrando o determinismo histórico de Giambattista Vico (1744[1999]) eu penso que precisamos conhecer as circunstâncias desta crise tão amplamente quanto for possível, caso contrário estaremos condenados a reagir a ela, reproduzindo-a, ao invés de transformar estas circunstâncias.

que estas transformações modificassem a doutrina em seu campo específico, poderíamos estar abandonando a herança valiosa que recebemos.

Eu não acredito que tentativa de satisfazer diretamente as demandas dos analisandos seja possível. Mais para além dessa impossibilidade, eu tão pouco acredito que essa tentativa pudesse ser desejável, independentemente do nível de regressão psíquica vivida pelo analisando. A satisfação imediata provocaria um enfraquecimento do trabalho de elaboração psíquica e comprometeria a independência desejável do paciente. Quando muito, serviria para mitificar o analista idealizado, e, em alguns casos, alimentar seu frágil narcisismo.

Viver a vida não tem, nem nunca teve, nada a ver com nenhuma homeostase, pois ela pertence ao 'Nirvana' e ao reino de Tântatos. Viver tem mais a ver com uma inquieta insatisfação que nos faz investir em novas ligações e a construir novos significados para a experiência emocional. Embora esta inquietação seja fonte de muita dor, é sobretudo a fonte de muito prazer e todo desejo. O desejo humano é determinado pela criança mágica e impotente que habita em todos nós; a herança legada por Freud nos ensina que a mente primitiva é, no sentido mais pleno desse termo, imperecível (Freud, 1915b).

## REFERÊNCIAS

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Editora Relógio D'Água, Lisboa.
- Bion, W. R. (1963). Elements of Psycho-Analysis, apud JOSEPH, B., (1981[1989]). *Towards the experience of psychic pain*. In: *Psychic Equilibrium and Psychic Change*, selected papers of Betty Joseph, Routledge, 1989.
- Bion, W. R. (1970[1973]). *Atenção e interpretação*. Imago, 1973.
- Freud, S. (1915/1972a). *Observações sobre o amor transferencial*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1972b). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919/1972). *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/1972). *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1926/1972). *Inibição, sintoma e ansiedade*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1972). *O mal-estar na civilização*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/1972). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. In: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A.; Kernberg, O. (2000). *L'avenir d'une désillusion*, PUF.
- Horkheimer, M. (1968). *Teoria tradicional e teoria crítica*. Editora Nova Cultural, 1991.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lasch, C. (1992). Prefácio a Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *O ideal do ego*. Editora Artes Médicas, 1992.